

A MEMÓRIA, O INSTITUTO DA PERCEPÇÃO E DA INTUIÇÃO EM BERGSON: DISPOSITIVOS PARA A COMPREENSÃO DA COMPLEXIDADE EXISTENTE NA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O MEIO AMBIENTE.

Thiago Souza Silva ¹
José Ricardo Oliveira Mello ²
Monique de Jesus Bezerra dos Santos ³
Elton Moreira Quadros ⁴

RESUMO

O entendimento da complexa relação existente entre o humano e o ambiente que o circunda, demanda uma contribuição interdisciplinar dos saberes. Em virtude disso, se propôs empregar óticas conjugadas de conhecimentos do campo da memória, da paisagem, das ciências ambientais, da filosofia e da sociologia, para dar conta de entender como se processam e se articulam os institutos da percepção, intuição, imagem e imaginação no encadeamento do fenômeno ambiental e de sua captação pelos sujeitos. Para efetivar esta pesquisa de cunho bibliográfico, utilizou-se como aporte teórico elementar Henry Bergson (exímio pesquisador da Intuição e da Percepção, na perspectiva da materialidade); Maurice Halbwachs (precursor dos quadros coletivos da memória); Merleau-Ponty (defensor da ótica da complexidade e opositor do reducionismo); Bachelard (pioneiro da abordagem conceitual de Topofilia); Yi-Fu Tuan (estudioso das questões do campo geográfico); Eclea Bosi (distinta pesquisadora das memórias dos grupos sociais). A consciência desta realidade ambiental complexa, composta por imagens que formam paisagens, solicita o escrutínio de como é operacionalizada a interação do homem com o meio, e quais os marcadores sociais que se colocam como interlocutores nessa relação, visto que o ambiente é permeado por imagens, que possuem valores distintos para o indivíduo, a depender de como estas são incorporadas na sua semântica de valor, tendo em vista a influência de fatores que amoldam comportamentos, tais como a topofilia e a biofilia e as memórias afetivas.

Palavras-chave: Reduccionismo, Sensibilização Ambiental, Ambientalismo.

¹ Doutorando do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, thiago_uesb@yahoo.com.br;

² Mestrando do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, ricardooliveiramello@gmail.com;

³ Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, moniquejbs@hotmail.com;

⁴ Prof^o DSC. do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, eltonquadros@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do Problema da complexidade da percepção ambiental.

Em virtude das mudanças paradigmáticas, promovidas no decorrer do processo de maturação das ciências ecológicas, reconhece-se que esta área é possuída da característica da transição, por ter perpassado por várias instâncias sistematizadoras do viés científico, como, por exemplo, o fato de ter adotado a perspectiva cartesiana na sua forma de interpretar o mundo, mas, também, já aderiu aos processos energéticos complexos.

Fora isto, trafegou entre os extremos da submissão aos modelos hegemônicos e ao sistema da proclamação da autonomia; explorou as zonas do individualismo, mas também o fez com a disposição filantrópica, de cooperação e cidadania; perseguiu, ainda, a implementação do ecologismo, princípio esteado no critério de preservação da constituição física do meio, com vistas a uma sustentabilidade subordinada à inserção social.

Contudo, para que essas alterações paradigmáticas sejam reproduzidas na sociedade em sua esfera atitudinal, é imprescindível que se fomente, mais do que a sensibilização dos sujeitos por intermédio de trabalhos de consciencialização, mas, é necessário viabilizar ações que reverberem na conciliação entre o homem e a natureza.

Conjectura-se que essa vinculação é estabelecida não apenas por concepções que os homens desenvolvem a respeito do meio ambiente, mas por uma infinidade de ideias intrínsecas à natureza, desde as mais simplórias, tais como os de cunho instintivo, até àquelas que encerram em si um grau de complexidade mais elevado, alusivos ao desenvolvimento biológico e cultural, relacionados com os aspectos da intuição, afetividade, linguagem e congêneres.

A compreensão dessa integração entre o ambiente e o homem, concretizada em fundamentos tão complexos, tem incitado o desenvolvimento do campo de investigações acerca da percepção ambiental. Frequentemente, esse viés tem sido escrutinado, por intermédio da pesquisa de conceitos atinentes ao meio ambiente, e, também, daqueles relativos aos eventos e problemas de procedência ambiental.

Reputa-se ser de sumo interesse as abordagens conceituais mencionadas no trabalho em tela, mas, torna-se mais proveitoso, ainda, apreciar esses conceitos, a partir da introdução destes, em conjecturas em que eles possam simbolizar muito além do que somente um ponto na complexidade que caracteriza a percepção ambiental.

Esta percepção faz efervescer o temor de que os aludidos estudos acabem por culminar numa práxis de educação ambiental taxativamente alicerçada no tratamento dos conceitos, isto é, de personalidade meramente informacional, fundamentadas na disseminação de conteúdos científicos relacionados aos eventos e aos elementos do meio natural.

O desenvolvimento deste raciocínio solicitou as contribuições teóricas dispostas em Bachelard (2008), que labora com a noção de visualização dos fenômenos de modo relacional e não substancial. É importante registrar que, o pensamento filosófico bachelardiano refuta o argumento de que haja ideias simples, e chancela a existência da complexidade, afirmando que cada fenômeno é uma rede de conexões, e que estas só podem ser assimiladas pelo processo da síntese surracionalista (BACHELARD, 1936; apud LECHTE, 1988).

Frente ao exposto, entende-se que a assimilação dos institutos de externalidades do homem, isto é, do seu entorno (ambiente) e do universo do qual faz parte, se dá mediante um fenômeno perceptivo caracteristicamente complexo, tanto quanto o é a natureza humana, não sendo, pois, uma alternativa viável a sua compreensão por trajetos exclusivamente conceituais.

Dessa forma, pretendeu-se explorar a compreensão quanto ao valor das imagens formadas pelos sujeitos, com base na sua interação com o meio, e de outros fatores intimamente interligados com essa relação, como, por exemplo, a biofilia e a topofilia.

O primeiro termo traduz o sentido de entrecruzamento entre o homem e categorias diversas de vida, enquanto que o segundo representa a atração do ser humano pela constituição física do ambiente. Àquela apresenta uma personalidade tipicamente biológica, instintivo, ao tempo em que a última é notadamente assinalada por valores culturais, como os de caráter afetivo, memorial, experiencial e interativo.

Em acréscimo, pode-se dizer que, a primeira caracteriza-se por ter uma base mais biológica, instintiva, enquanto que a segunda é visivelmente marcada por aspectos culturais como afetividade, memória e experiência interativa.

A consolidação deste itinerário ponderativo, principia-se com uma análise teórica cujo enfoque é a percepção, que compreende, inclusive, um exame comparativo dos prismas espiritualista e materialista, respaldado nas proposições filosóficas de Bergson e de Merleau-Ponty. Sequencialmente, procurou-se abordar o assunto do “imaginário”, para, enfim, tecer reflexões concernentes à conjectura analisada, e sua exequível conjunção com a percepção ambiental.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, cujo propósito consistiu em sistematizar um diálogo efetivo entre as contribuições do saber acumulado no campo da memória, com o escopo de estabelecer a compreensão da relação existente entre o instituto da percepção e complexidade da esfera ambiental, especialmente, no que tange aos desdobramentos percebidos na modificação da paisagem, em detrimento do processo de apropriação territorial.

Para a satisfação deste intento, utilizou-se uma base de dados interdisciplinares, explorando-se como o aporte teórico, principalmente, obras referenciais de autores emblemáticos da seara da memória, tais como, Henry Bergson (em virtude da sua condensada teoria dos marcadores da percepção e da intuição) e Maurice Halbwachs (que tem como contributo a sua tese de uma memória consolidada coletivamente, através dos quadros sociais).

Para cancelar as abordagens filosóficas, aplicou-se a perspectiva teórica de Gaston Bachelard (por tratar, com excelência, a dinâmica da poética do Espaço), Merleau-Ponty (que labora com a noção de complexidade, refutando o reducionismo, quanto ao exercício da percepção).

Ademais, assomou-se a esse diálogo, a contribuição de pensadores que lidam com a perspectiva ambiental, geográfica e de paisagem, concomitantemente, como, por exemplo, Yi-Fu Tuan (incorporador e contextualizador dos conhecimentos transmitidos por Bachelard, no que toca à Topofilia e seus conceitos).

Visando endossar a perspectiva sociológica da pesquisa, empregou-se, como supedâneo, o legado teórico de Ecléa Bosi (que esboça uma interlocução entre as memórias, os grupos sociais e os espaços construídos, a partir desta integração).

Por fim, destaca-se que, no decorrer da investigação, utilizaram-se, secundariamente, outros autores alternativos, que se dedicaram ao estudo de temáticas congêneres, para respaldar a efetividade do diálogo proposto, o que confere uma credibilidade e uma sustentação mais substantiva para a pesquisa em tela.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Percepção: Conceito e interlocução com a Perspectiva ambiental

Ao enunciar que não existe a possibilidade de representar o fenômeno perceptivo pela ótica da racionalidade, baseada em dispositivos conceituais, há, nitidamente, o reflexo de um comprometimento com um ponto de vista que não se ampara no caráter materialista da percepção, mas que se alinha com a dimensão espiritualista.

A captação do mundo, efetuada pelos mecanismos sensoriais, não é capaz de sintetizar com rigor o exercício perceptivo, haja vista que os sentidos, ao entrarem em contato com o mundo, já estarão, de antemão, influenciado por uma gama de agentes implicados na complexa evolução da condição humana.

Sobretudo, ressalta-se que sintetizar não é uma palavra congruente com o que fora socializado, pois há uma explícita refutação quanto a ideia de uma apreensão reducionista do mundo, cuja tendência é enquadrar os fenômenos numa categoria de finitudes.

O panorama descrito elucida o intento em se procurar as associações relacionadas com a percepção, a partir da tríade: memória, imaginário e integrações bio/topofílicas. Não que essas condicionantes sejam suficientes para explicar o fenômeno, mas julga-se que, pelo fato deste estar intimamente conectado com aquelas, há um profícuo progresso, em termos de investigação em meio ambiente e percepção ambiental, quando estas recebem um trato analítico.

Outra questão a ser considerada, outrossim, é a retomada indispensável de um exame introspectivo, relativo à função da memória no ato da percepção, o que se sustenta na interação do ser humano com o ambiente, e recorre, irremediavelmente, à topofilia. Esta palavra, que denota o “espaço de nossa felicidade”, foi mencionada, pioneiramente, em 1957, por Bachelard, na versão primária de seu livro intitulado de *A Poética do Espaço*.

Futuramente, Tuan empregou amplamente este termo em suas publicações, precipuamente na versão homônima, lançada na década de 1980, onde é aplicado como forma de atração do homem com relação às conformações físicas de um dado ambiente, principalmente as que apresentam uma fisionomia paisagística.

As contribuições das distintas análises sobre como estão dispostos os conceitos que contemplam a interação do homem com o mundo, no decorrer de toda ascensão histórica do pensamento filosófico, parece sempre tonificar duas vertentes orientadoras que, apesar de

diferentes, são, com frequência, congruentemente articulados, isto é: o espiritualismo e o materialismo.

De acordo com Bergson, apenas a intuição oportuniza ao homem a capacidade de alcançar os seguintes eventos: o movimento ou a duração, a substância, a essência e a existência das coisas (TREVISAN, 1995). No pensamento do filósofo em questão, a duração é abalizada como sendo o “vir a ser”, que esboça o sentido de um movimento provocador de transmutações, que emerge na formação de realidades novas. A inteligência, por seu turno, de modo algum, detém a aptidão para alcança-la, uma vez que apreende exclusivamente a forma material.

Posto isso, é válido frisar que a intuição não propiciaria somente a interação com o fictício subjetivo, baseado no contexto da realidade, como defendem grande parcela dos idealistas, mas, especialmente, com a própria realidade (BERGSON, 1999). Essa contestação ao instituto do materialismo está evidentemente explanada e debatida no livro de titularidade deste autor, denominado de *Matéria e Memória*.

Essa ação de elaboração de novas realidades manifesta afinidade com a mobilidade do ser respaldada em Heráclito. É oportuno pontuar, ainda, que, a única modalidade que possui a perícia para operacionalizar a captação dessa ação, é a própria intuição, a qual se estriba num fundamento esotérico reportado por Bergson como sendo o impulso vital.

Trevisan (1995) revela que Bergson foi incisivamente criticado por pensadores como Merleau-Ponty, Marcel e Sartre, os quais divergiam da sua tese, considerando-o como o categórico inobjetivável, contrariado pela razão, baluarte da modernidade, e que despreza a validade do apogeu da atividade intelectual. A despeito disso, os ensinamentos teóricos transmitidos por Bergson perduram, ao longo do tempo, como subvenção e como contributo para o eievo do pensamento hodierno, que não se coaduna com a ideologia do cartesianismo científico, e enalça ponderações novas e isentas das frentes intelectualista e materialista restritiva. Assim, o autor considera que:

Intuição e inteligência representam duas direções opostas do trabalho consciente... Uma humanidade completa e perfeita seria aquela em que estas duas formas da atividade consciente alcançassem o seu pleno desenvolvimento (BERGSON, 1964, 263p.).

A noção de Bergson quanto à captação do mundo, auxiliada pela via do mecanismo instintivo, faz referência à formação conceitual da percepção, ancorada numa memória que retrata uma combinação de novas decodificações e interpretação das coisas. À vista disso, a

percepção é, continuamente, estabelecida do tempo presente em acréscimo ao passado, que não está, de nenhum modo, desconexo do primeiro.

Merleau-Ponty (1999) defende que, a percepção se consubstancia numa ação de regresso ao mundo, cuja existência é autônoma das interpretações que lhe são ministradas. Difere-se, assim, de um processo de regresso idealista à consciência, eliminando a inevitabilidade de um exercício analítico reflexivo.

O conjunto de órgãos sensoriais está, ininterruptamente, absorvendo informações, e a percepção se interpõe antes de qualquer retomada de representações simbólicas. Conseqüentemente, a reflexão assinala a diferenciação do ser e do mundo, das coisas, distanciando, inclusive, o próprio corpo, que não deixa de ser uma coisa como as outras.

A cada momento, meu campo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido e que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundi-los com minhas divagações (MERLEAU-PONTY, 1999, 5-6p.).

Frente ao exposto, tem-se que o imaginário é habitado por imagens captadas, porém se preserva evidentemente dissemelhante do real perceptível, conforme depreendido no recorte textual abaixo disposto:

A cada instante também eu fantasio acerca das coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto, e, todavia, eles não se misturam ao mundo, eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário (MERLEAU-PONTY, 1999, 6p.).

As contraposições existentes entre as tendências conceituais concentradas em Bergson e Merleau-Ponty são prontamente identificáveis, iniciando razoavelmente pelo princípio existencialista e inalterável do último, que diverge do espiritualismo e dinamicidade daquele. Merleau-Ponty anuncia que a inteligência possui papel referencial para o homem, quando sistematiza o caos sensível, ao passo que, na filosofia bergsoniana, o intelecto não é detentor da habilidade de assimilar o real, sendo-o possível, apenas, pela manobra da intuição.

Ademais, discernem-se antagonismos na questão da temporalidade do evento perceptivo, pois Bergson acredita que a faculdade da lembrança possui influência iminente e até preliminar na percepção, podendo, até mesmo, demover as percepções reais. Em contrapartida, Merleau-Ponty se apega a noção de uma percepção pura, emancipada de qualquer avaliação reflexiva.

Castoriadis (1999) arrazoia os argumentos de Merleau-Ponty, ao expressar que os institutos da percepção e da imaginação não devem estar dissociados, existindo uma reciprocidade inerente na conexão do imaginário com a captação do real, de modo que, no ato da decodificação dos sentidos, o campo das imagens orienta o exercício perceptivo, e se dissolvem nas informações, que conseguem alcançar a racionalidade do homem, de forma pura.

As convicções ideológicas, nas quais se escoram os novos paradigmas que comunicam o pensamento ecológico em voga, comporta a modificação do elo empírico ocidentalizado entre o meio ambiente e o homem. Com fincas nisso, é que se construiu a via conceitual arrolada no corpo deste trabalho, por entender que há insumos teoricamente substanciais na hermenêutica do contexto em apreciação, que acomodam, por compatibilidade, o tema explorado.

O homem, na sua interação com o mundo, faz uso tanto dos elementos de percepções sensoriais e, também, da temporalidade e imaginação. São componentes característicos do ser humano os valores quiméricos, seus costumes e historicidade.

Em Cassirer (2001) nota-se que, a realidade se apresenta na sua conformação material para os órgãos captadores de impressões sensórias, porém a cognição humana a operacionaliza eivada pela incorporação de predisposições e constructos que foram qualificando o reconhecimento da matéria no decorrer de sua história de relação com o mundo.

A integração de símbolos às realidades apreendidas, e, de igual modo, a compreensão de suas acepções, somente se processa através da imaginação intuitiva, desprendida de seus enclausuramentos empíricos. Isso encontra concordância com as afirmações de Eliade (1991), para quem o fato de se possuir imaginação está concatenado com a capacidade de se apreciar o mundo em sua integralidade, haja vista que as imagens detêm o poder e a incumbência de evidenciar tudo o que se conserva refratário ao conceito. Assim, o homem desprovido de imaginação é miseravelmente *tolhido realidade profunda da vida e de sua própria alma* (ELIADE, 1991, p. 19).

Discorrer sobre percepção ambiental é tratar da forma como o homem se relaciona com o mundo externo a si. Deste fenômeno, acredita-se que há uma gama de maneiras de se interpretar o mundo, que vai desde as perspectivas inspiradas pela ótica da dogmatização divina, até as concepções apoiadas no delineamento cientificista predominante.

O fito deste trabalho consistiu, justamente, em demonstrar que, desde sempre, o imaginário tem impactado o fenômeno de interação entre o homem e o mundo. Assim, ao se

refletir sobre a percepção, encaminha-se a discussão para as imagens que habitam no sujeito, e, não apenas, retratam-se as definições que estes apresentam com relação ao seu lugar de referência, isto é, do seu entorno, do seu mundo.

3.2 A instrumentalização da Percepção como fundamento para a educação ambiental: Examinando os Reduccionismos nas Estratégias de Sensibilização

Em termos rudimentares, a educação ambiental foi cunhada, a princípio, como uma ação que referendava a ideia de conscientização ambiental, a qual foi se tornando obsoleta, por comportar um entendimento que se remetia a ideia de produção de conceptualizações e saberes novos, fundamentados na difusão de conhecimentos.

A propensão em utilizar o termo sensibilização traduz precisamente à imprescindibilidade de sobrepujar a propagação de novas definições relacionadas com o meio ambiente, uma vez identificado o malogro em provocar, a partir desse paradigma predominante, transformações atitudinais.

A sensibilização mobiliza o desígnio de deslocamento do foco racional na prática educativa e a tentativa de se alcançar a esfera afetiva e espiritual do homem no seu convívio com a natureza. As investigações científicas, que apreciam as atividades exercidas em diversificadas realidades, das quais carecem de educação ambiental, revelam que poucas são as ações que conquistam o objetivo de alcançar essa complexidade e estimular a meditação, a comoção, a melancolia.

É frequente a execução de uma práxis ambiental que enfoca o estabelecimento de um relacionamento com a natureza, especialmente em espaços de preservação ambiental, inspirada em programações vinculadas à aventuras, e, em sua maioria, são momentos que não proporcionam condições mínimas de reflexão. Além disso, é recorrente, nos circuitos ecológicos, o propiciar de um período diminuto destinado ao contato com a natureza, e se privilegia a publicidade de conhecimentos biológicos pertinentes às espécies avistadas pelo trajeto.

A percepção que se incita com o exercício da análise dos pormenores é a de atenuação da área sensorial, na proporção em que se limita a dimensão visual e se diminui a atenção ao captado pelo campo sensitivo, como acontece, por exemplo, com a audição afetada pelo som excessivo, gerado pela agitação das equipes.

De acordo com o ponto de vista filosófico do cartesianismo, é o conhecimento de algo que possibilita a sua dominação. Assim, o compartilhamento de informações minuciosas,

adquire lógica numa forma de relacionamento com a natureza, que se estriba na precisão de autodefesa e de controle sobre o ambiente circundante.

Cabe destacar, ainda, que a supressão do caráter histórico e cultural dos ambientes, onde são desenvolvidas as ações de educação ambiental, acaba por converter este propósito numa prática meramente reducionista, apesar da sua elevada magnitude e contribuição, no conjunto de necessidades reconhecidamente iminentes no processo de sensibilização.

O ambiente é produto da integração das comunidades que habitam determinada região. Essa influência que a cultura das populações exerce sobre o perfil ambiental de um território é claramente notado nos locais onde existem edificações. Deste modo, inteirar-se sobre os detalhes do percurso histórico de modificação da paisagem e da formação de áreas povoadas, consubstanciam-se como ferramentas elementares em prol da sensibilização.

3.3 A memória e a Percepção ambiental: Compreendendo a articulação entre as duas dimensões

Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa (BACHELARD, 2008, 25p.).

A existência humana não deve ser restringida ao hoje, ao que está posicionado defronte. É participante dessa realidade tanto o futuro aberto, em razão do qual o ser humano se instituindo, quanto o já transcorrido, referente ao passado que reiteradamente o homem recobra. Heidegger (1989) conclui que, na rememoração o indivíduo interage com o ser do seu próprio passado, e não apenas com uma expressão simbólica ou uma ilusão abstrata que o habita.

As ponderações de Heidegger sustentam a percepção requisita uma abordagem que a assumo como uma ação frequentemente interligada com o universo já formado por simbologias, memórias e personificações. Essa conciliação é, de igual modo, absolutamente apercebida nas obras produzidas por Bergson, com destaque para o livro *Matéria e Memória* (BERGSON, 1999).

Ao discorrer sobre esse assunto, Merleau-Ponty preconiza que aquilo que o objeto simboliza é a face proposital da percepção, haja vista que *percebemos um conjunto como coisa que a atitude analítica em seguida pode discernir ali semelhanças e contiguidades* (MERLEAU-PONTY, 1999, p.39). Para o autor, no momento em que se prenuncia a junção à

estruturação do conjunto, prova-se a percepção da finalidade precípua que é a de desencadear o conhecimento.

Rebate-se, por esta lógica, o juízo bergsoniano que trata da percepção, o qual considera que a memória possui determinante participação no ato do perceber, e que a lembrança, faculdade da memória, apresenta uma constante conexão com o perceber, competência da matéria. Assim, [...] *aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais* (BERGSON, 1999, p.30).

Cabe, aqui, fazer uma elucidativa distinção entre o entendimento dos autores acima arrolados, pois, para Bergson, os elementos partícipes da memória interferem no direcionamento dos sentidos, ao passo que Ponty acredita que a memória reside na imposição de sentido ao “caos sensível”.

Nessa esteira de pensamento, fica posto que as reminiscências não incidem, *de per si*, no campo das sensações. Vale mencionar, ainda, que o dispositivo da consciência as coteja com a informação presente, para afixar somente as lembranças que se coadunam com este, sendo, pois, a percepção um conteúdo composto por sentidos, e que é, para, além disso, foi paciente do crivo das recordações.

Com supedâneo nisso, Merleau-Ponty relata que,

Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível... Perceber não é recordar-se (MERLEAU-PONTY, 1999, p.47).

A autora Ecléa Bosi toma como aporte, o acervo teórico de Bergson, para auxiliá-la na investigação sobre a intervenção da memória, aplicada ao contexto de idosos na sua relação com o lugar em que reside, e, também, atentando para as modificações sucedidas no decorrer da produção do espaço urbano.

Para o alcance deste intento, Bosi (1994) beneficia-se da definição bergsoniana de percepção, a qual é versada como sendo o produto dos impulsos motores não restituídos ao mundo externo sob o aspecto de ação, um vácuo que é preenchido por imagens, as quais, quando forem trabalhadas, contrairão a propriedade de ícones da consciência.

Em acréscimo, frisa-se que, as percepções não se conservam como parcelas apartadas da realidade histórica, de modo que uma gama de pormenores mnêmicos se aglutinam aos sentidos, os quais guarnecem o homem de informações presentes e pontais.

As operações de retenção, esquecimento e de retorno à lembrança, fazem parte da composição histórica e da formação do indivíduo. Gadamer (1997) externa que a psicologia conferiu à memória a atribuição capacitativa, desprezando a sua personalidade histórica, que transforma o homem naquilo que ele é. Tendo em vista o vulto de tal colocação, compreende-se que, o ignorar dessa capacidade da memória nas meditações que estão sendo desenvolvidas, pode repercutir num entenebrececer das identidades humanas.

Para Bergson a memória é tida como sendo a preservação do passado. Na contramão deste prisma, situa-se Halbwachs (1990), que interpreta a memória como sendo a recomposição do passado. O maniqueísmo vigente entre a memória como categoria espiritual e percepção em Bergson, não é tomado, em sentido absoluto, pela teoria psicossocial transmitida por Halbwachs, que posiciona tais eventos numa projeção social que extrapola a dimensão individual.

Halbwachs (1990) concebe a organização social, no seu conjunto de representações e conexões, como algo volúvel. Portanto, para este autor não é procedente outorgar ao estatuto da lembrança o status de conservação do passado, mas consente em reconhecê-la como insumo para a efetivação de novas formações, em realidades novas, tendo em conta os determinantes histórico e social.

A relação do homem com o meio ambiente proporciona a articulação com a memória, na proporção em que a apreciação da paisagem suscita o manifestar de reações melancólicas, que despertam nos indivíduos a afetividade. Em face disso, pode-se dizer que a memória concorre para a formação da topofilia, haja vista que essa se erige, historicamente, pela interação e pelo acúmulo de experiência humana. À vista disso, é possível pode-se distingui-la como mecanismo de adaptação ao ambiente.

Maciel (2000) confirma a impossibilidade de se refletir sobre o lugar povoado rejeitando-se o fato de que este espaço é construído em concomitância com a sistematização social, e, que, essa dinâmica é indissociável da memória.

3.4 Aplicabilidade da Percepção ambiental como dispositivo de adequação

A conduta e a interpretação do homem, dentro do âmbito de relacionamento deste com o seu entorno, recebe intervenção das influências emanadas da memória. A formulação da imagem das coisas, dos indivíduos e das ocorrências que os circundam, recebe contribuição tanto da percepção instantânea quanto das minúcias concentradas na memória. Logo, o liame

afetivo que subsiste entre as pessoas e o meio é decorrente dos sentidos que ficaram registrados em sua memória.

Para ratificar esse entendimento, cita-se a seguinte indagação, a saber: *O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhados por uma luz de outro tempo?* (BOSI, 1994, 74p.).

Analisando por este ângulo, observa-se que, a percepção ambiental se firma como uma competência que, detectada por meio da reconstituição da memória, pode evidenciar, e, inclusive, fundamentar os modelos de comportamentos pronunciados no contato do homem com o ambiente.

Do mesmo modo que se pode perceber o efeito da ampliação das proporções do campo afetivo e perceptivo de um infante, quando o mesmo transcende o seu ambiente doméstico, sobre as referências comportamentais que incidem sobre ele, pode-se, também, presumir a respeito do dilema perceptivo de indivíduos que procuram abrigarem-se em áreas de preservação, provenientes de um panorama perceptivo completamente antagônico.

Nesse caso, é admissível, e, até provável, que os anseios e reações desses indivíduos sejam opostos dos que viveram grande fração de suas vidas neste lugar, tendo, assim, desenvolvido um agrupamento de detalhes em sua memória, e uma apurada sensibilidade, plenamente atrelada aos traços ambientais locais.

Os indivíduos que moraram em territórios de preservação ambiental, comportam em si as imagens-lembrança, que definem inúmeras situações, como, por exemplo, a sua afetividade relacional com o meio, a memória de convivência com o corpo social, relativas à seus costumes, fenômenos de historicidade e princípios, que delineiam a sua identidade, e que, supostamente, são bastante distintos daqueles do migrador que advém de zonas com desenvolvimento fabril mais elevado.

3.5 A associação entre o instituto da Memória e da Topofilia

Bachelard sublinha que o espaço funciona como um extraordinário suporte para as imaginações, recordações e para a dimensão onírica do homem. Disto, o autor acrescenta que *[...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital, de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo.* (BACHELARD, 2008, 24 p.).

A expressão topofilia foi instituída, em 1957, por tal teórico, na publicação da versão original do livro *A poética do Espaço*. O termo é incorporado a esta obra, a partir do seguinte

fragmento argumentativo: [...] *precisamos examinar imagens bem simples, as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de topofilia* (BACHELARD, 2008, 19 p.).

Outro pensador que adotou essa terminologia e a conciliou com a sua obra foi Tuan (1980), para quem a viabilidade do entendimento do apreço ambiental, por parte de um sujeito, é possível, apenas, a partir da apuração de seu patrimônio biológico, formação, ensino, labor e das cercanias físicas.

Na esfera dos comportamentos e predileções de uma comunidade, faz-se preciso dominar ter uma noção afinada tanto da história cultural quanto das vivências que circulam pelo âmbito materialidade que compõe o meio ambiente. Frente a esta realidade é possível notar que quando se confronta as características de indivíduos com diferenciados antecedentes, isto é, conterrâneos e ou viajantes, há a demonstração de expressões reacionais diferentes.

O autor em comento utiliza dois personagens para protagonizar o seu entendimento a respeito do tema, ou seja, o itinerante e o nativo. Assim, registra que, os indivíduos, na condição de turistas, apresentarão uma percepção tênue quanto à constituição de quadros de memória, com a formação de um juízo meramente estético do ambiente. Diferentemente, o nativo esboçará uma conduta complexa, em consequência da sua imersão na integralidade de seu entorno.

Semelhantemente, para os sujeitos que se deslocam de outros lugares para estabelecerem residência em uma certa área, podem surgir significativos contrastes no que tange às comunidades nativas, a depender das sensações incutidas em si dos espaços habitados em seu passados, das expectativas e pretensões no ambiente novo.

Proshansky (1976) atesta que, a afinidade e o reconhecimento do indivíduo, enquanto ser que se identifica com os elementos do seu mundo concreto, eclode do somatório de experimentações com o meio ambiente físico, que acumulou no decorrer de seu desenvolvimento. Partindo dessa premissa, percebe-se que o autor reforça o valor que o passado residencial possui na formação de uma conjunção entre o sujeito e o espaço habitado.

Na conjectura acima discriminada, as práticas dos sujeitos que hoje são habitantes de um espaço diferente do de origem, estão, de certo modo, embasadas na sua biografia, nos seus princípios, e saberes concernentes ao meio e no conjunto de intencionalidades conectas a este.

Ao se impulsionar a manifestação cultural de uma coletividade, no universo resultante de sua produção, ocorre justamente o aguçar do processo de identificação deste grupo com o

meio ambiente, reverberando em estima que, em última instância, funcionará como um instrumento definidor de atitudes de protecionismo, apropriação e empoderamento.

3.6 Modificação da paisagem como implicação da apropriação territorial

A problemática em evidência adverte sobre a ameaça de deturpação que se coloca frente ao processo de ocupação do lugar. Pautada nessa ótica, a coletividade local deve se imbuir de manter a consistência das memórias afins entre os grupos e dos costumes deste, a fim de evitar que o eixo de suas percepções seja aniquilado e, conseqüentemente, seja desagregado de sua combinação com sua configuração espacial.

No tocante a isso, Bosi (1994) explana que:

Só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam. Quando não há essa resistência coletiva, os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas (BOSI, 1994, p.452).

Via de regra, ao invés de se consolidar no espaço uma adequação de imigrantes no novo ambiente, o que ocorre, na verdade, é uma adaptabilidade do meio em correspondência aos seus marcadores topofílicos.

Santos (2002) escrutina sobre a maneira como se processou, no período do descobrimento, a execução de apropriação na dinâmica de expansão territorial. Assim, o autor enfatiza a drástica modificação da conformação geográfica do espaço capturado, resultante da concepção e da cobiça especulativa da dominação dos colonizadores, que objetivavam a ampliação do cenário europeu. Em consonância com essa afirmativa, cita-se a seguinte transcrição: *A apropriação do desconhecido é, antes de tudo, superá-lo enquanto tal para transformá-lo no conhecido* (SANTOS, 2002, 73p.).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão é, por excelência, a oportunidade em que o homem busca a compreensão de suas percepções, interpela, problematiza e formata as semânticas do que foi assimilado, e, como resultado, amolda a sua interação com o mundo. Com base nesse quadro é que adquirem pertinência os conhecimentos que abarcam a perspectiva sistêmica onde se

estabelecem as imagens concebidas. No momento em que se interpela sobre a sua posição na paisagem captada, é que se torna exequível a análise de suas práticas nesse contexto.

Porém, nessa ocasião, já não caracteriza mais unicamente de um ambiente estruturado abstratamente, alicerçado em dados científicos categóricos, mas de um ambiente com abundância de sentidos, de superstições, de crenças e saturados das nostalgias que lhe imputamos.

Não se pronuncia mais a respeito da operacionalização de um sistema qualquer que assegura as ações de sobrevivência do indivíduo, mas discorre-se sobre o espaço que fomento no homem o interesse pela construção de vínculos de caráter topofílico. É nesse lugar de inserção do indivíduo, através da habitação e do contato, que se expressam as disposições biofílicas.

Deste modo, não se segrega ou se anula a via racional, nem tampouco se objeta ou se coíbe a personalidade afetiva da percepção, mas concede-lhe abertura para sua expressividade, havendo, pois, cooperação mútua entre essas duas dimensões, visto que àquela é um campo fecundo para se erigir novas perspectivas de mundo.

Frente ao exposto, não se acredita que a consolidação do processo de sensibilização ambiental pretendida, seja validado puramente pelo trajeto da racionalidade e pelas formulações conceituais, mas por intermédio de um extenso percurso onde se confluam os elementos de imaginação, contemplação e ponderação.

Destarte, os dispositivos de ingresso nessa rota complexa necessitam ser engenhosamente idealizados, porém confia-se que a topofilia, a biofilia, mediados pela intervenção da memória e pelos institutos da percepção e da intuição, apresentem elevado potencial para o cumprimento deste mister.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, e aos órgãos de Financiamento em Pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.
- BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 360p.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.291p.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins fontes, 2001. 416p.
- CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto V: feito e a ser feito**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; DP&A, 1999.
- ELIADE, M. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 190p.
- GADAMER, H. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petropolis: Vozes, 1989.
- LECHTE, J. **Cinqüenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade**. 2. ed. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. 279p.
- MACIEL, A. Normadização dos espaços urbanos. In: COSTA, I.T.M.; GONDAR, J. (orgs) **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PROSHANSKY, H.M. **Psicologia ambiental**. México: Trilhas, 1976.
- SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- TREVISAN, R. M. **Bergson e a Educação**. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.192p.